



EDITORIAL

Em 2009, na cidade de Curitiba, Paraná, um novo movimento em torno da Fenomenologia foi iniciado, vinculado particularmente ao curso de Psicologia, e organizado pelo Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná. Ali, de forma ainda tímida, buscou-se resgatar algumas fontes reflexivas do entrelaçamento entre Fenomenologia e Psicologia que, como sabemos, acompanhou a própria formação do movimento fenomenológico em torno de Husserl; bem como reflexões filosóficas e fundamentações críticas para as práticas psicológicas.

A partir daquele ano, o evento – que começou como um congresso regional – foi sendo realizado a cada dois anos, e trilhando caminhos de crescimento que culminaram, no último encontro presencial, em 2019, com mais de 800 participantes das mais diversas áreas. Finalmente, em 2021, em meio à pandemia, o Congresso (já internacional desde 2017), foi realizado de forma inteiramente online – como o III Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia, e o V Congresso Brasileiro de Psicologia e Fenomenologia. Apesar do nome, desde seu início em 2009, sempre foi um congresso aberto, que buscou congregar e não segregar; e que reuniu pesquisadores, pensadores e estudiosos dos mais diversos campos do saber, muito além da Psicologia e da Filosofia.

Agora, a revista *Phenomenology, Humanities and Sciences* traz, neste número, algumas das contribuições apresentadas no evento de 2021, com participações nacionais e internacionais. Em *Contributos de Ludwig Binswanger para uma Antropologia Fenomenológica*, o Prof. Carlos Morujão, da Universidade Católica Portuguesa, nos apresenta o caminho de aproximação e afastamento do psiquiatra suíço com os pensamentos de Husserl e de Heidegger, mas aponta para duas constantes: o fato da fenomenologia abrir o olhar do terapeuta e, com isto, permitir situar o homem no mundo. Assim, a tarefa fenomenológica de compreensão da experiência vivida é permanente, e redefine as fronteiras entre o normal e o patológico. Em seguida, no artigo *O Corpo Animado: Para uma Fenomenologia do Estrato da Animalidade*, Pedro M. S. Alves, da Universidade de Lisboa, Portugal, descreve o processo de autoadoção de nós mesmos, distinguindo o sentido da separação entre corpo e mente, bem como a sobreposição mente-corpo. Na sequência, discorre sobre uma “subjetividade animal”, referindo ao tema da descentralização da mente.

A Antropologia Filosófica se faz presente no texto de Javier San Martín, da Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, Espanha, no texto *Creencia y Afectividad. Un Capítulo de Antropología Filosófica*. No manuscrito, se reflete sobre a virada emocional na Fenomenologia de Husserl, discutindo a crença como traço da atitude natural, embora inclua um elemento afetivo, e a virada presente na fenomenologia genética.

No texto *The Psychic Subject and the Spiritual Subject in Husserl's Ideas II*, Nathalie de la Cadena, da Universidade Federal de Juiz de Fora, busca evidenciar a relação entre sujeito psíquico e sujeito espiritual, fundamental para a compreensão da intersubjetividade, tomando por base as discussões husserlianas em *Ideias II*. O Prof. Mario Ariel González Porta (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), em *Prolegômenos aos “Prolegômenos” (Sobre o Lugar das “Investigações Lógicas” no Psicologismustreit)*, busca esclarecer o lugar das *Investigações Lógicas* de Husserl, primeiramente de um ponto de vista histórico e filosófico, e posteriormente sistemático.

Em *O Imprevisível Capaz de Mudar Tudo: Anotações sobre o Fenômeno do Acontecimento*, Marcelo Fabri (Universidade Federal de Santa Maria) nos fala do acontecimento e de como este afeta a subjetividade, destacando sua tripla característica fundamental: a imprevisibilidade, a dádiva e a fecundidade. No manuscrito *Psicopatologia e Fenomenologia da Parafrenia*, Nuno Borja Santos (Serviço de Psiquiatria, Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, Amadora, Portugal) traça um histórico do conceito de parafrenia, desde Kahlbaum até o final do século XIX, apontando as principais diferenças psicopatológicas em relação à esquizofrenia. Finalmente, sublinha as características fenomenológicas do paciente.



Em *Ser-e-Estar-Entre: A Condição Intersubjetiva da Relação Terapêutica*, Lucia Marques Stenzel (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre) propõe uma compreensão da relação terapêutica a partir de sua esfera relacional, buscando desvelar o processo em seus aspectos ônticos e ontológicos. O tema da clínica também aparece em *Promoção da Saúde e seus Primeiros Fundamentos: Questões Históricas e Fenomenológicas*, de Yuri Alexandre Ferrete (Universidade de Lisboa/ Pontifícia Universidade Católica do Paraná) & Adriano Furtado Holanda (Universidade Federal do Paraná), que buscam analisar o conceito de Promoção de Saúde e a compreensão de sujeito dali decorrente. Acabam por afirmar a ideia de um sujeito como individualidade, como sujeito da técnica e fixado num mundo de determinações. Discussão similar ao texto *A Era da Técnica e Modos de Existência no Contemporâneo*, de autoria de Samira Meletti da Silva Goulart (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), no qual analisam as relações de existência contemporâneas, a partir de Heidegger e Bauman, buscando investigar a dimensão psicológica em sua interface com as questões sociais.

Finalizamos este número com uma tradução, para o espanhol, do texto original em francês de Marc Richir, *El Tercero Indiscreto. Proyecto de Fenomenología Genética*.

Boa leitura a todos.

Adriano Furtado Holanda
(Editor)